

# Um dia de militância histórica

Em maio de 1977, em plena ditadura, milhares de pessoas se mobilizaram para realizar o 3º Encontro Nacional dos Estudantes, em Belo Horizonte. O evento não ocorreu, mas serviu para unir a sociedade contra os militares



## MARCELO DA FONSECA

Quando deixou a casa de sua família sem avisar sua tia e seus pais, na tarde de 3 de junho de 1977, a estudante de psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Ana Rita Trajano estava pronta para enfrentar todo o custo a volta do movimento estudantil. Uma década depois de a ditadura militar colocar a União Nacional dos Estudantes (UNE) na clandestinidade, já era tempo de os estudantes voltarem a se organizar. Dois dias antes, o Ministério da Educação e Cultura proibiu a realização de qualquer encontro estudantil e, horas antes, o governador Aurélio Chaves determinou o bloqueio de todas as universidades da capital mineira.

Ainda assim, a vontade de tirar o movimento estudantil do escuro era grande. Cerca de 400 estudantes mineiros decidiram se antecipar e montaram um alojamento para o evento no Diretório Acadêmico (DA) Alfredo Balena, na Faculdade de Medicina da UFMG, na região central de Belo Horizonte. A partir da metade dos anos 1970, o governo federal prometia o retorno à democracia por meio de um processo gradual e seguro, período que ficou conhecido como "distensão". No entanto, a repressão ainda dava suas caras e qualquer atuação política nas universidades eram vistas com maus olhos pelos generais.

"Saí meio que fugida de casa. Na minha casa, com uma família vinda do interior, ainda vigorava um sistema muito patriarcal e meu pai era muito autoritário, não aceitava minha participação no movimento estudantil. Ainda era tudo muito escondido, muitos livros eram proibidos e as pessoas

tinham medo de se expressar. Mas os estudantes estavam em um caminho sem volta, decididos a reorganizar a UNE e defender as chamadas liberdades democráticas", conta Ana Rita Trajano.

Apesar da proibição do governo federal e do governo estadual, os estudantes mantiveram o 3º Encontro Nacional de Estudantes (ENE), programado para 4 de junho de 1977, no DA de medicina. Estavam confirmadas as presenças de estudantes paulistas, cariocas, baianos e gaúchos, que começaram a chegar na capital na manhã daquele dia. No entanto, o cerco formado pela Polícia Militar em todas as estradas no entorno de BH, a pedido do governador Aureliano, impediu que os estudantes chegassem ao local do encontro. Ônibus com materiais considerados subversivos foram detidos em blitzes militares e vários estudantes presos.

Cerca de 400 estudantes, a maioria moradores da capital, conseguiram furar o bloqueio da ditadura ao decidir chegar mais cedo ao local do encontro. Eles ocuparam a Faculdade de Medicina na véspera da data marcada para o início do evento, mas acabaram cercados por um aparato gigantesco de militares que deixaram os batalhões ainda na madrugada do dia 4. Um compacto cordão militar fechou o cerco na Avenida Alfredo Balena, impedindo que pessoas entrassem ou saíssem da Faculdade de Medicina.

### BLOQUEIO NA ALFREDO BALENA

"Muitos estudantes estavam dentro do diretório e foram impedidos de sair. Foi um momento de muita tensão, já que ninguém sabia ao certo o que aconteceria", lembra Jânio Bragança, presidente do

Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFMG em 1977. Depois de muitas horas de apreensão, com os estudantes se recusando a deixar o local com as mãos na cabeça, a tropa invadiu o pátio do campus da saúde.

Enquanto a tensão aumentava dentro da faculdade, fora dela, um grupo mobilizado de estudantes atuava incansavelmente para mobilizar a sociedade para os eventos que se passavam com os colegas presos. Estudantes que ficaram do lado de fora se organizaram em grupos e conseguiram convocar milhares de parentes e amigos para as ruas da capital para evitar um massacre.

"Todos sabiam muito bem que o resultado daquela repressão dependia de uma forte presença da sociedade próxima da faculdade. Sabíamos que era preciso mobilizar ao máximo as pessoas para garantir a segurança dos nossos colegas", conta Sandhy Barreto, diretora do DA de medicina da UFMG. A rápida movimentação dos colegas que ficaram de fora do evento deu certo e centenas de pais, preocupados com o que aconteceria com seus filhos, acompanharam os desdobramentos ao longo do dia.

Apos muita negociação, com a presença de professores, do reitor da UFMG e de secretários de estado, houve o acordo para que os estudantes saíssem da faculdade sem atos de violência. Abracados, em grupos de quatro ou cinco, eles passaram de cabeça erguida por um corredor fardado de militares e foram levados em ônibus para o Parque de Exposição da Gameleira, onde seriam fichados e interrogados.

### MOBILIZAÇÃO NAS RUAS

"Tínhamos também um grupo mobilizado para acompanhar tudo na Gameleira, com muitos pais atrás de seus filhos, preocupados com a integridade física deles", conta Samira Zaidan, estudante da UFMG em 1977. Cerca de 50 estudantes foram en-

## CELEBRAÇÃO

40 anos do 3º Encontro Nacional de Estudantes. Amanhã, a partir das 18h, no Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da UFMG (Av. Professor Alfredo Balena, 190, Hospitais). Entrada franca.

quadros na Lei de Segurança Nacional e algumas lideranças do movimento estudantil foram presos por vários dias, como lembra o então presidente DCE Jânio Bragança: "Deixei a faculdade em camburão da polícia e fui levado para o Departamento de Ordem Política e Social, onde fiquei uma semana preso".

Apesar da forte repressão que impediu ENE de se realizar, os estudantes davam, naqueles dias de 1977, um passo fundamental para a mudança do movimento estudantil no país. O aumento da população contra o regime militar não parou de crescer nos anos seguintes e, aos poucos, a democracia voltou a ganhar espaço. "Na Gameleira, minha mãe e minha tia estavam muito aflitas e nervosas, querendo saber como eu estava. Os pais que tinham parentes no Exército começaram a cobrar a liberação dos estudantes e conseguiram depois de ser fichada. Ainda me lembro bem do barulho das botas dos militares que chegaram correndo e cercaram a faculdade, mas o que ficou em mim é a coragem dos estudantes de brigar com quem o encontro acontecesse naqueles anos", diz Ana Rita Trajano.



ram  
antes do  
nprindo  
Brasília



## EM PRIMEIRA PESSOA

### ● JÂNIO BRAGANÇA

PRESIDENTE DO DCE DA UFMG EM 1977


*Desde 1969, quando houve uma tentativa de um congresso em Ibiúna e os estudantes foram presos, o movimento estudantil enfrentava uma repressão muito grande. Entre 1970 e 1974, a repressão foi intensa. Depois, no governo Geisel acontece a chamada distensão. Ainda assim, a vigilância dos movimentos estudantis era frequente. Em 1977, trabalhamos para reorganizar o movimento estudantil, com a volta da União Nacional dos Estudantes (UNE). Para o encontro em Belo Horizonte viriam estudantes do Brasil inteiro. No dia anterior, a cidade foi completamente cercada e ônibus impedidos de seguir para o encontro. Nós, que estávamos dentro do Diretório Acadêmico, fomos proibidos de sair, já que a Faculdade de Medicina foi completamente cercada desde a madrugada. Lembro-me bem que, ao sair, fui colocado em um camburão e levado para o Dops, passei uma semana preso. Ainda assim, a vontade de nos reunir e defender bandeiras democráticas se manteve depois daquele episódio. Houve grande mobilização dos estudantes, das famílias e até da população que assistia mais uma ação truculenta dos militares. Para mim, o que fica até hoje na lembrança sobre o 3º ENE é a união dos estudantes.”*

### ● SANDHY BARRETO

DIRETORA DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DE MEDICINA EM 1977

*Fora da faculdade, que foi cercada, nós formamos duas comissões para dar suporte ao evento. Uma de negociação, para evitar que os militares e policiais agredissem os estudantes, e outra para mobilizar familiares, mais estudantes e amigos. Uma parte foi para a porta da Faculdade de Medicina, na Avenida Alfredo Balena, e outra parte foi para a Gameleira, onde os estudantes tinham sido levados. Sabíamos que era preciso mobilizar ao máximo as pessoas e setores da sociedade para garantir a segurança dos nossos*





colegas que estavam presos. Lembro-me que muitos pais apoiavam a atitude de seus filhos no movimento estudantil, mas outros ficavam com dúvidas e receios, até chateados com o fato de que seus filhos estavam se metendo em questões políticas.

● ANA RITA TRAJANO

ESTUDANTE DE PSICOLOGIA DA UFMG EM 1977

*Chegamos para o encontro no dia 3 de junho com uma grande expectativa de retomar o movimento estudantil com força. Eu saí de casa meio que fugida da minha mãe e da minha tia, que não faziam a menor ideia de onde ou no que eu iria me meter. Já sabíamos que o governador Aureliano (Chaves) tinha proibido o evento e agia para impedir que ele se realizasse. Fomos no dia anterior prontos para dormir lá e garantir que o encontro ocorresse de fato. Dentro do Diretório Acadêmico, eram estudantes de várias tendências políticas. Alguns mais radicais, outros vinculados a organizações clandestinas e outros menos radicais. Eu era da Liberdade e Luta, grupo chamado de Libelu, que aderiu ao trotskismo e era radical. Foram horas e horas discutindo ideias e propostas, sempre pensando em um país com liberdade de pensamento. Os estudantes eram muito politizados e queriam a volta dos diretórios e centros acadêmicos. Ainda de madrugada, não me lembro exatamente o horário, mas ainda estava escuro quando ouvimos o barulho das botas correndo em volta da faculdade. Às 5h, as ruas já estavam completamente cercadas por policiais. Depois de muita tensão e negociações, que tinham apoio de grupos que ficaram do lado de fora, concordamos em sair do diretório. Ficamos sentados no chão e saímos em grupos de quatro estudantes de cada vez. Entramos em ônibus e fomos levados para a Gameleira sem saber o que iria acontecer.*

● SAMIRA ZAIDAN,

ESTUDANTE DE MATEMÁTICA EM 1977

*Estava no meu último ano na UFMG quando aconteceu o 3º ENE. Ficamos do lado de fora porque os militares cercaram completamente a Faculdade de Medicina. Na assembleia do dia 3, formamos um grupo para fazer contatos institucionais e impedir que a polícia invadisse o diretório. Conseguimos falar com o secretário de Segurança. Ele argumentava que a decisão de impedir o evento tinha vindo de Brasília e que ele não poderia interferir. "São ordens superiores e devem ser cumpridas", o secretário nos disse. Conseguimos conversar com o reitor da faculdade, que atuou muito nas negociações para impedir que houvesse uma invasão e mais violência. Os militares andavam fortemente armados e a preocupação com uma possível catástrofe era grande. Por isso era preciso que os familiares tomassem conhecimento do risco que seus filhos estavam correndo. O ponto positivo da mobilização foi impedir que a PM agredisse os estudantes, mas o ponto negativo é que mais de 400 jovens foram presos, simplesmente por defender a formação de um movimento estudantil no país.*